

# Entre a geografia e a literatura: uma leitura do deslocamento em “noturno” de Samuel Rawet

*Vanessa Costa dos Santos*

da Universidade Estadual de Goiás - Porangatu – Brasil

vanessacostasantos@gmail.com

---

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo realizar uma leitura da concepção do espaço e do processo de deslocamento no conto “Noturno”, de Samuel Rawet. A partir de Armand Frémont, em *A região, espaço vivido*; e Milton Santos, em “A força do lugar”, optamos por levantar três pontos que julgamos importante. Primeiro – **O espaço vivido**, partindo das ideias levantadas por Frémont sobre a compreensão do espaço nas três fases da vida; segundo – **O desenraizamento**, enfatizando o processo quase sempre traumático (principalmente, no período inicial) da migração; e, terceiro – **O apelo da memória**, para tentar situar como Rawet constrói através da memória o desfecho trágico e que confunde o “tempo da ação e o tempo da memória” apontada por Milton Santos.

**Palavras-chave:** Deslocamento. Compreensão do espaço. Espaço-memória.

---

## Introdução

Este trabalho tem por objetivo realizar uma breve leitura da concepção do espaço e do processo de migração no conto “Noturno”, de Samuel Rawet, presente no livro *Contos do imigrante*. A partir de Armand Frémont, em *A região, espaço vivido*; e Milton Santos, em “A força do lugar” (quarta parte do livro *A natureza do espaço*), optamos por levantar três pontos que julgamos importante. Primeiro – **O espaço vivido**, partindo das ideias levantadas por Frémont sobre a compreensão do espaço nas três fases da vida; segundo – **O desenraizamento**, enfatizando o processo quase sempre traumático (principalmente, no período inicial) da migração; e, terceiro – **O apelo da memória**, para tentar situar como Rawet constrói através da memória o desfecho trágico e que confunde o “tempo da ação e o tempo da memória” apontada por Milton Santos.

*Contos do imigrante* é o primeiro livro publicado por Samuel Rawet, em 1956, composto por dez contos. O conto escolhido apresenta a história de um migrante (ao que parece) nordestino que viaja em busca de emprego na cidade grande deixando para trás a sua “velha” companheira. Marcado pela memória, sobretudo, a memória dolorosa do último diálogo com a sua velha (um diálogo mais marcado pela cumplicidade de

gestos que o tempo criou, que por palavras) o silêncio vai construindo o conto. A ausência da velha companheira é embalada por um choro de flauta numa noite de São João e delineia, assim, o tom nostálgico da tragédia de Rawet. Notadamente, o título do texto não é aleatório, o choro da flauta logo na primeira linha “Um choro de flauta...” (RAWET, 1998, p. 75) traz a nitidez da escolha do escritor. Em sentido musical, noturno é uma composição inspirada pela noite. Tem melodia lenta e tem caráter *cantabile* – termo que significa “cantável” – e que numa composição instrumental, indica um particular modo de cantar imitando a voz humana. O choro melancólico da flauta, naquela noite, parece ser a voz mais audível para o velho trabalhador dentre os presentes naquela construção.

Apesar de aparentemente vago, o texto de Rawet apresenta grandes tessituras semânticas. Neste estudo, vamos nos ater apenas à relação que se estabelece entre os espaços habitados pelo protagonista e os traumas decorrentes do processo de deslocamento.

### **O espaço vivido**

Rawet constrói, com tom poético, o espaço que compõe o conto. Uma construção inacabada, com concreto cinza, tal qual o céu chuvoso daquela noite. A desorganização do espaço “Tijolos em montículos, algumas fileiras dispostas. Tábuas soltas...” (RAWET, 1998, p. 75) evoca as sensações do velho protagonista a partir do sentimento de não pertença a um espaço<sup>1</sup> que não lhe é próprio. Segundo Frémont (1980), o espaço, a região não é um objeto com realidade em si, mas só existe a partir da relação do homem com o determinado lugar. Assim, a região não existe à priori, mas se faz na relação entre habitante e espaço habitado, no sentido que passa a ter a partir das vivências e repetições dos atos cotidianos. Frémont trabalha com a noção da região como um espaço vivido, nesta concepção, a região só se torna (e o “tornar-se”, aqui, se dá a partir da construção de sentido que o espaço passa a ter para os habitantes) espaço de vivência a partir da troca de experiências cotidianas, “Todos os actos [*sic*] da vida, particularmente os que se repetem, implicam certas localizações de formas, de signos, de valores, de representações, e, por conseguinte criam lugares” (FRÉMONT, 1980, p. 133). Esses lugares passam a existir a partir dos significados que lhes são impostos e essa apropriação se inicia desde a infância.

---

<sup>1</sup> Utilizaremos o termo “espaço” com o sentido de substrato material que se refere aos lugares de vida e trabalho, sem definições fixas.

Fremónt trabalha com a dimensão psicológica do espaço a partir das concepções de A. Moles e E. Rohmer e traz a figura “As conchas do homem” (FRÉMONT, 1980, p. 29) para construir a noção de apropriação do espaço nas fases adulta, na infância e na terceira idade. O esquema é organizado em distância e tempo, que passa do âmbito residencial para o mundial, da casa para o “vasto mundo”, passando pelo bairro, cidade, região; e esses contatos se dão em espaços de tempo em contextos diários, semanais, mensais ou anuais.

Na primeira fase da infância – do nascimento até os três anos, a conquista se dá pelo conhecimento parcial do quadro familiar, desde o rosto da mãe até as pessoas do convívio mais próximo. A fase posterior – dos três aos seis anos, caracteriza-se pela expansão do campo de experiência, da casa ao pátio, do pátio à escola. A terceira infância – dos seis aos doze anos, permite a descoberta do bairro. Assim, até a fase adulta, o espaço vivido se dá em experiência contínua e integra a dimensão do tempo (tempo histórico e também o tempo pessoal), bem como o movimento que se dá no tempo e no espaço. De acordo com Frémont (1980, p. 26), “O espaço vivido é um espaço-movimento e um espaço-tempo vivido”. Esse espaço vivido na infância é prolongado e estabilizado na fase adulta.

Já a passagem da idade adulta ao envelhecimento é caracterizada por várias rupturas, simultâneas e sucessivas. Partindo deste pressuposto de concepção do espaço nas fases da vida, entendemos que a escolha de Rawet não se dá aleatoriamente. Optar pelo deslocamento de um “velho”<sup>2</sup>, e não um adulto ou um jovem, aumenta consideravelmente a carga dramática do conto. Segundo Frémont, na terceira idade há vários fatores que afetam o espaço vivido, desde a diminuição das aptidões físicas, da sociabilidade, e das possibilidades de adaptação, até a morte mais frequente dos seus contemporâneos. Frémont lista uma série de ocorrências que comprometem a qualidade de vida do idoso no espaço – como a solidão deixada pelos parentes que morrem, a perda das possibilidades de locomoção, o abandono dos filhos para o mercado de trabalho, a complicação das distâncias-tempo. Ademais, temos um protagonista que além de sofrer todos esses intempéries da terceira idade, ainda sofre o drama do deslocamento que, por si só, acomete (principalmente, no início) a todas as idades em maior ou menor grau.

Segundo Frémont, na velhice, as distâncias a serem percorridas tornam-se um peso e, assim, ocorre o processo de “retraimento cujas etapas reconstituem às avessas

---

<sup>2</sup> Pela ausência de nomes, utilizaremos o mesmo termo usado por Rawet no conto para designar os personagens centrais, o “velho” e a “velha”.

as conquistas infantis: da região ao bairro ou à aldeia, desta ao jardim ou à vizinhança imediata, daí ao quarto e em seguida à poltrona ou à cama” (FRÉMONT, 1980, p. 34). Paralelamente a isso, o espaço vivido sofre mutações psicológicas muito profundas, os espaços cada vez menores passam a concentrar valores de todo o tempo vivido. O espaço imediato, e também reduzido, passa a ser metáfora das lembranças de toda uma vida que se esvai a cada dia.

No caso do velho de “Noturno”, o espaço imediato é a construção. A construção inacabada funde-se com a vida quase finalizada do protagonista, que rememora ao olhar o esboço de varanda, ainda sem parapeito, os montículos de tijolos, o buraco (sem fim) à espera do elevador...

Frémont evoca os dramas de um envelhecimento que, supostamente, se dá no conforto da casa que foi habitada a vida inteira; Rawet não. O protagonista de “Noturno” não tem o aconchego da casa, nem os elementos que poderiam recompor simbolicamente o que foi a sua vida; o seu espaço imediato é um caos, é a desordem de uma construção inacabada e a afirmativa da presença do peso dos baldes de cimento e concreto que o corpo, já sem força, tem que suportar diariamente.

### **O desenraizamento**

O tema da migração nordestina para o sudeste do país é recorrente na literatura brasileira e uma tendência na tradição regionalista. Desde 1890, com a publicação do romance de Rodolfo Teófilo, *A fome*, o tema das retiradas passa a ser enfatizado tendo a sua tônica na fuga da seca ou no trabalho em condições precárias no local de destino. Títulos como *O quinze*, de Rachel de Queiroz, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *Seara vermelha*, de Jorge Amado enfatizam o processo da retirada em decorrência da fuga da seca, tendo como objetivo a chegada ao sudeste do país. Outras narrativas têm a tônica nas condições sub-humanas de trabalho aos quais os personagens migrantes são submetidos, a exemplo de *Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego e *Os corumbas*, de Amando Fontes.

Além dos vários pontos de semelhança com *Vidas Secas* – tais como a ausência da fala e dificuldade de expressão e diálogo, o processo cíclico de miséria, a ausência de nomes dos personagens – “Noturno” pode se inscrever na tradição dos textos que tratam das retiradas e no funcionamento precário das condições de trabalho aos quais esses migrantes são submetidos.

Além das condições sub-humanas de trabalho, o processo de desenraizamento afeta de modo definitivo a relação com o espaço. Diferentemente da vivência longa e repetitiva ao qual o indivíduo enraizado está submetido, aquele que se desenraiza perde as suas referências. De acordo com Milton Santos (2004, 328),

Vir para a cidade grande é, certamente, deixar atrás uma cultura herdada para se encontrar com uma outra. Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação.

Nestes termos, o protagonista de “Noturno” é um indivíduo já passando pelo doloroso processo de retraimento do espaço pela velhice, que, além disso, perde as suas referências de vida ao deixar a sua casa e região. O velho protagonista de Rawet está sujeito à alienação pelo abandono do espaço e de toda uma cultura herdada durante a vida, cujo traço só se faz presente pela data marcada no calendário, como a noite de São João.

O drama passado justamente na noite de São João – data simbólica no Nordeste do Brasil – demonstra a inadaptação do protagonista àquela terra e o respeito às tradições de sua região de origem “Fosse tempo de lágrimas e algumas saltariam” (RAWET, 1998, 75). Como Frémont (1980, p. 230; grifo nosso) ressalta,

A inadaptação manifesta-se maciçamente quando brutais transformações econômicas e sociais operam uma mutação dos espaços vividos suficientemente súbita e radical para que os homens, **deixando de reconhecer os seus lugares de vida e as suas regiões, sejam tomados de nostalgia, vertigens, obsessões**, sob variadas formas.

O mal estar – conjugando uma noite tradicionalmente festiva para o nordestino e a tristeza de estar longe de suas origens – acentua a inadaptação do protagonista que precisa chorar, mas não o faz. A dimensão simbólica que reveste a cena apresenta o conflito entre a noite de festejos de sua terra de origem e o impacto com o caos que é a sua realidade imediata. O esboço inicial do conto nos expõe essa dinâmica. Rawet inicia apresentando a construção inacabada onde se situa o protagonista e a lembrança da noite festiva. Seguindo esse contraponto, o protagonista segue “deixando de

reconhecer os seus lugares de vida e passa a ser tomado de uma nostalgia, vertigens, obsessões...”.

Vale ressaltar que se trata de “um cinza pesado de céu chuvoso em quase noite.” (RAWET, 1998, p. 75) o que demonstra que o problema para o velho nordestino não é a ausência de chuva, como se pensa à priori, mas trata-se de um processo de inadaptação, de sentimento de não-pertença.

Ao tratar dos processos de inaptações dos espaços vividos, Frémont destaca os “trabalhadores imigrados”. De acordo com o autor, os imigrantes trabalhadores passam por um grande mal estar ocasionado pela dupla vida, a de antes e a de agora. Frémont resalta que essa situação era frequentemente estudada na França e que constatou-se a vulnerabilidade desses trabalhadores “posta em evidência, por exemplo, por uma morbidez elevada, principalmente em matéria de tuberculose” (FRÉMONT, 1980, p. 232). O protagonista de Rawet não foge a esta regra, “Tosse violenta, sacudida... O corpo doído aquietara-se, mãos cruzadas sobre o cinto. Uma inundação vinha de dentro estancada pelas gengivas” (RAWET, 1998, p. 75),

Gemeu impelindo a rede... Amanhã passaria o dia todo inerte, mas depois! A ideia do hospital atormentava-o, nunca precisou disto, depois, diziam, não era fácil. Até quando trituraria sua dor com os dentes enquanto recebia os baldes de concreto do guincho e passava-os adiante? As pálpebras caídas, esforçava-se em redescobrir as feições da imagem pregada tão longe. Gostaria de morrer com o conforto de sua imobilidade (RAWET, 1998, p. 77).

O protagonista de Noturno é um trabalhador imigrante que passou pelos processos de inaptação e de segregação. Segundo Frémont (1980, p. 232),

O imigrado não se encontra sozinho... Utiliza os lugares de trabalho, de habitat, de encontro da região de imigração para reconstituir com os seus semelhantes uma região no interior da região, em defesa contra o isolamento, contra a agressão de um meio hostil.

Rawet delinea situação semelhante, quando descreve o ambiente caótico da construção onde os trabalhadores estão, dando pistas que é também ali que eles residem. O grupo de trabalhadores permanecem juntos e segregados da sociedade, mesmo em noite de festa. “Foguetes estourariam os tímpanos e pés se arrastariam dançando em quintais suburbanos” (RAWET, 1998, p. 75), a descrição da festa em terceira pessoa sinaliza a exclusão. A tentativa de defesa contra o isolamento gera

segregação social, na medida em que se formam guetos separados ou apenas unidos em torno de si mesmos. Rawet trabalha nessa imagem – grupo de trabalhadores em um ambiente hostil ouvindo ao longe os barulhos da noite de festa – uma categoria de exclusão, coloca as minorias em situação de comunidade fechada entre si e separada do restante da sociedade.

Outro aspecto a ser colocado em relevo nessa discussão é o local de residência. Levantado por Milton Santos como ponto importante nessas situações, “A “residência”, o lugar de trabalho, por mais breve que sejam, são quadros de vida que têm peso na produção do homem” (SANTOS, 2004, p. 328; aspas do autor). Ainda que seja breve, ainda que estejamos num mundo em movimento, a noção e necessidade de residência não se dissipa. A moradia, por mais precária que possa ser, continua a ser uma necessidade básica do homem. Em “Noturno”, as únicas pistas que temos de uma residência é a do lume esquentando o café, “acocorados, olhavam o lume esquentando o café” (RAWET, 1998, p. 75), de resto, há apenas esboços de uma construção em andamento.

Além do retraimento do espaço ocasionado pela terceira idade, temos um protagonista inadaptado, que sofre as dores do desenraizamento (no corpo e na alma), e sem uma instalação adequada para moradia. De certo, toda tentativa de fixação e “vida nova” seria em vão. O desfecho trágico já se desenha desde a primeira linha, ou melhor, desde o título – um “noturno”, tal qual em seu sentido musical, traz a melancolia de uma noite “cinza pesada de céu chuvoso”.

### **O apelo da memória**

Como uma tragédia anunciada, “Nortuno” traz a nostalgia de um passado deixado para trás. O conto compõe-se de lembranças, vertigens, digressões como tentativas inúteis de reverter o passado. Como o presente imediato não faz sentido, o velho protagonista tenta voltar ao passado através da memória, mas não a um passado qualquer, mas ao momento em que toma a decisão de romper com o seu destino e ir para a cidade grande. Como uma espécie de arrependimento ou tentativa de reaver o que deixou para trás, o velho faz digressões e passa a lembrar repetidas vezes “- É só uma ida! Coisa de meses!” (RAWET, 1998, p. 76, 78) como se já tivesse dado o tempo de voltar, como se estivesse procurando em qual parte do caminho havia se perdido.

A procura do passado é em vão, pois “No lugar novo, o passado não está; é mister encarar o futuro: perplexidade primeiro, mas, em seguida, necessidade de orientação.” (SANTOS, 2004, p. 328). Segundo Santos, no primeiro momento, o passado, para o migrante, é inútil e em pouco serve para a luta cotidiana. Trava-se, inicialmente, um embate entre “o tempo da ação e o tempo da memória”, antes, é preciso, após esse momento inicial de atordoamento, a reformulação da ideia de futuro a partir da nova realidade, assim, “O entorno vivido é lugar de uma troca, matriz de um processo intelectual” (SANTOS, 2004, p. 329). Após essa “passagem” ou superação inicial, o passado deve servir como um contraponto vantajoso para a recriação criativa do espaço e das lutas cotidianas. Depois do processo de espanto e atordoamento inicial, a reaprendizagem e trocas de experiências entre passado e presente.

Diferentemente da hipótese de Santos, Rawet parece estagnar o seu protagonista na etapa de “atordoamento e espanto”. Mesmo com o passar dos anos, o velho de “Noturno” não sai dessa etapa e parece entrar num processo de “alienação do espaço”, considerada por Frémont (1980, 235) como “a causa profunda, mais exactamente [*sic*] o estado explicativo das patologias ou das inaptações”. Como já foi elencado, o protagonista do conto tem todos os fatores contra si e o processo de alienação do espaço seria apenas a resposta, mais ou menos, esperada (desde o título).

Estagnado na etapa de “espanto e atordoamento”, as imagens levantadas pela memória do velho trabalhador são emblemáticas: os olhos enormes e suplicantes da velha, que sem saber pedir verbalmente, apenas olhava, olhava/suplicava; o gato de dorso anelado e pata magra; os filhos mortos ainda jovens; a ausência dos pintos que ciscavam no quintal já digeridos pela fome; e a imagem de Cristo, inerte! A fuga (inicialmente, temporária) já era descrença. No fundo, o protagonista sabia de sua ida errante; o retorno (antes da ida) já era incerto “pois que a viagem em nada se distinguia da morte” (RAWET, 1998, p. 76).

A rememoração do velho se dava sob o tom do choro melancólico da flauta e da bebida, que naquele momento servia como (outra) fuga. O embate entre o “tempo da ação e o tempo da memória”, se ocorre, se dá por poucas (quase nenhuma) ações, pelo embalo da bebida em círculos no copo e o ouvir do choro da flauta que o conduz à rememoração, “tempo da memória” como refúgio. Porém, a dinâmica entre “ação e memória” que Santos evoca não se refere a essas ações curtas, mas condiz com um processo lento de adaptação, onde é necessário uma ação diária e contínua para que a “nova vida” se estabeleça. Para Santos, esse embate é inerente aos processos de migrância e a “passagem” do estágio inicial de “atordoamento e espanto” para a



recriação na nova região é o mais saudável a ocorrer. Rawet, por sua vez, traz um protagonista estagnado, alienado a um passado inerte e imutável. Segundo Frémont, a alienação esvazia o espaço dos seus valores, o homem torna-se estranho ao espaço e a si, assim, “Para escapar às durezas dos espaços presentes, pode ser tentador, com efeito, refugiarmo-nos num espaço do passado” (FRÉMONT, 1980, p. 241).

Se podemos falar em “tempo da ação” nesse conto, não é em acepção positiva, de recriação do espaço, como nos termos de Santos, ao contrário, as ações se dão progressivamente trágicas – a bebida, o bilhete, o suicídio. “Nem bebera nem chorara após o bilhete. O negro lera com as mãos tremendo a notícia da morte da velha” (RAWET, 1998, p. 78), o estopim que desemboca no desfecho do conto se dá sem cerimônia, entre as lembranças do velho, o som dos foguetes, flauta, pandeiro e violão, o relato trágico que consta no bilhete, numa mesma linha, como se a tragédia informada não fosse maior que a realidade imediata e cotidiana daquele velho trabalhador. Após o bilhete, “Um grunhido, apenas, ninguém ouviu...” (RAWET, 1998, p. 78). A ação que segue é apenas a de emborcar a garrafa que já estava entre os dedos, a vontade de urinar e a rememoração nostálgica da “volta” que poderia ter dado ao se despedir de sua velha companheira “Nem meia volta. Um abraço na mulher, a estrada, e uns olhos de esperança na terra vazia.” (RAWET, 1998, p. 79) lembrava... tentando mover o corpo para urinar.

Na perspectiva de Santos, o peso do passado poderia ser atenuado e contraposto para enfrentar o presente. Passado o luto, nova formulação; mas o conto de Rawet não abre possibilidade para novo fôlego, o escritor parece tentar passar para o papel um drama sem solução, cujo desfecho é inevitável. O presente poderia ser reordenado pelo velho protagonista, mas desde o início, todos os fatores contribuem para a sua inadaptação e desvio. Em “Noturno”, o passado em outro espaço não é vantagem, é peso; a idade não é sinônimo de maturidade, mas elemento de intensificação do drama; a chuva e a noite de São João não é a alegria do nordestino, mas cenário fúnebre.

“A vontade apertou. Livre o último botão, arriou a testa no hábito de infância, e, hábito ainda, dobrou o corpo. Grito. Silêncio. Correria escadas abaixo.” (RAWET, 1998, p.79-80). O hábito de infância não seria trágico, caso o local escolhido para o alívio fisiológico não fosse o projeto de um elevador ainda em construção. Após o acidente, “Só o negro, sentado, enxugou o bocal, virou o gargalo, inspirou forte, como quem sonda o ar, o branco dos olhos bem branco, e, retomando a posição dos dedos, fez soar a flauta” (RAWET, 1998, p. 80).

Rawet nos apresenta o desenho de uma migração trágica, contada ao som de um choro fúnebre. O velho protagonista despede-se da vida como por um hábito de infância e o último soar da flauta aponta para um cotidiano que, tanto faz a vida quanto a morte, parece não ter sido abalado.

### Considerações finais

O presente trabalho serve como afirmação da necessária aproximação entre campos disciplinares, como a geografia e a literatura. Como a literatura, em seu caráter de arte, resguarda potências, muitas vezes, não alcançadas pela crítica, precisamos recorrer ao “fora” da literatura para compreendê-la em “seu estar no mundo”. Narrativas como “Noturno”, de Rawet, trazem tessituras do espaço esteticamente sofisticadas e organizadas a partir de experiências extraídas da própria vida.

Neste sentido, julgamos adequado recorrer a um aparato teórico capaz de dar conta do processo de compreensão do espaço, de como o ambiente é assimilado pelo homem, bem como do processo de deslocamento. As noções de espaço vivido, como um espaço-movimento e um espaço-tempo vivido de Frémont, assim como as etapas próprias do processo de deslocamento em Milton Santos, que nos revelaram a não superação e consequente estagnação no estágio de “atordoamento e espanto” do protagonista, nos faz acreditar que Rawet apresenta no plano narrativo uma outra dimensão do espaço, o espaço-memória.

---

### Between geography and literature: a reading of displacement in “nocturne” by Samuel Rawet

**Abstract:** The aim of this paper is to study the concept of space and the process of displacement in the short story “Nocturne”, by Samuel Rawet. From Armand Frémont, in *The region, lived space*; and Milton Santos, in “The strength of the place”, we chose to raise three points that we consider important. First - **The lived space**, starting from the ideas raised by Frémont on the understanding of space in the three phases of life; second - **The uprooting**, emphasizing the almost always traumatic process (especially in the initial period) of migration; and third - **The appeal of memory** to try to situate as Rawet builds through the memory, the tragic outcome that confuses the “time of action and the time of memory” pointed out by Milton Santos.

**Keywords:** Displacement. Understanding of space. Space-memory.

---

**Referências**

FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

SANTOS, Milton. “A força do lugar”. In: *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

---

**Sobre a autora**

**Vanessa Costa dos Santos** – Docente da Universidade Estadual de Goiás, campus Porangatu e Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria e Estudos Literários, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP / Campus de São José do Rio Preto – SP.

---

Recebido para publicação em outubro de 2018

Aceito para publicação em dezembro de 2018